



## GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

### Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

### Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

**Debatedor/a:** Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

### Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

**Debatedor/a:** Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

### Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

**Debatedor/a:** Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

### **Células do sangue menstrual e memória epigenética: o bioengenho de conversas e transformações possíveis**

**Autoria:** Daniela Tonelli Manica (Unicamp), Regina Coeli dos Santos Goldenberg

As numerosas e prolongadas controvérsias bioéticas sobre o uso de células embrionárias para pesquisa científica e terapias biomédicas levaram ao desenvolvimento de uma frente de pesquisas com células-tronco adultas do corpo, dentre elas as células mesenquimais. Partindo de uma pesquisa etnográfica conduzida no Laboratório de Cardiologia Celular e Molecular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da UFRJ, temos trabalhado de uma perspectiva simpoiética (Haraway, 2016) com as CeSaM, células mesenquimais do sangue menstrual. Nesse paper, pretendemos desenvolver uma discussão sobre as temáticas da plasticidade celular e da memória epigenética dessas células. Diferentemente da pluripotência presente nas células embrionárias, e a despeito das técnicas consolidadas que induzem uma pluripotência às células adultas (iPS) - permitindo que elas se diferenciem em células de tecidos diferentes dos originários -, as células



mesenquimais parecem resguardar características prévias, parecem de certa forma guardar uma ?memória? da sua história vital, que tem a ver com os tecidos de origem. Isso pode ter consequências para as aplicações científicas e terapêuticas possíveis, mas parece estar sendo algo pouco elaborado, ou até negligenciado, pelas pesquisas na área, que apostam no modelo da pluripotência e da transformação celular modelada apenas pelos fatores moduladores já testados e descritos na literatura científica, desconsiderando sua história e sua memória. Propomos uma revisão bibliográfica pluridisciplinar num esforço de diálogo e reflexão sobre esse tema da memória epigenética e das possibilidades de transformação das células em laboratório, que exigem dinâmicas comunicativas específicas (?conversas? entre células e órgãos). Desenvolveremos essa discussão a partir das experiências de transformação das células do sangue menstrual, tal como desempenhadas no laboratório: sua capacidade de resistência às condições vitais do laboratório, descritas e caracterizadas pelas pesquisadoras da UFRJ, seu bom desempenho como meio de co-cultivo de embriões, e suas transformações em células cardíacas (cardiomiócitos) e do fígado (hepatócitos).



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: